

ABSTRACT

Ordered to Almada Negreiros to decorate a private house designed by the architect António Varela which stands on Restelo, this stained-glass window was acquired from an heir of the owner in 2001 by 3.000.000\$00 to the collections of the Assembly of the Republic. Now it integrates the decoration of the official residence of the President and it is set up on a structure with artificial light.

In iconographic terms, the work has inspired many different interpretations, being considered by some as Eros and Psyche and by others as the Fall of Icarus. What sustains this doubt is the dubious representation of the two figures with attributes and attitudes far from the traditional iconographic model.

RESUMO

Encomendado a Almada Negreiros para decorar uma residência particular projectada pelo arquitecto António Varela, na Rua de Alcolena (Bairro do Restelo), este vitral foi adquirido a uma herdeira do proprietário no ano de 2001 pela quantia de 3.000.000\$00 para as colecções da Assembleia da República. Presentemente integra a decoração da Residência Oficial do Presidente daquele órgão representativo e está montado numa estrutura com iluminação artificial. Em termos iconográficos a obra tem suscitado interpretações diversas, sendo considerada por uns como o tema de Eros e Psique e por outros como o episódio da Queda de Ícaro. Na base da dúvida está a dúbia representação das duas personagens com atributos e em atitudes que fogem ao modelo iconográfico mais divulgado.

Contributo para análise iconográfica de um vitral de Almada Negreiros

Cátia Mourão*

À colega e amiga Sandra Neves da Silva

«(...) a minha linguagem é o símbolo.
E todo o símbolo é necessariamente breve,
sintético, vertiginoso, sibilino. Aliás, simbólica
ou narrativa, a verdade é sempre fictícia,
misteriosa. Sobretudo aqui.»¹



Eros e Psique. José Sobral de Almada Negreiros (1893-1970). Não datado (1954). 57,5 x 325 cm. Vitral. Assembleia da República. MAR 271

O vitral é composto por 5 painéis que congregam 153 módulos de vidro policromo unidos por chumbo, formando uma composição estruturada na horizontal, com duas figuras nuas e deitadas, uma delas a dormir e a outra acordada a olhá-la. A que dorme é feminina, tem a pele rosada, está de barriga para cima, tem o corpo em diagonal descendente, com a cabeça para baixo e a três quartos, os cabelos longos, soltos, de cor arruivada, os olhos fechados, o braço direito estendido para o mesmo lado, o esquerdo curvado e acompa-

* Mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Membro do Instituto de História da Arte.

1 JOSÉ MANUEL (Ferrão), 1952, p. 37.

nhando a curvatura do tronco, a perna esquerda estendida e a outra ligeiramente flectida, de calcanhar sobreposto à perna oposta. Tem grandes asas de cor rosa forte, estando a esquerda aberta e a direita fechada, sobre a qual apoia a cabeça; a figura que a olha é masculina, tem a pele amarelada, está de barriga para baixo, de bruços, tem a cabeça erguida e de perfil, os cabelos longos, entrançados, de cor loura, as pernas estendidas, com o pé direito apoiado no tornozelo da perna oposta, os braços flectidos, apoia-se no esquerdo e também no cotovelo direito (sobre a extremidade da asa da figura anterior), e segura na mão direita uma pequena lucerna de cor verde, cuja chama ilumina o rosto da personagem adormecida.

O fundo tem cor arroxeadada.

O conjunto não está assinado nem datado.

Na origem deste vitral estão dois estudos preparatórios:



1º Estudo - *Eros e Psique*². José Sobral de Almada Negreiros (1893-1970). Não datado (1954). 16 x 56 cm. Aquarela e lápis sobre papel. Coleção particular José de Brito



2º Estudo - *Eros e Psique*³. José Sobral de Almada Negreiros (1893-1970). Não datado (1954) 65,5 x 30,20 cm. Óleo sobre papel. Coleção particular (Lisboa)

As personagens representadas são Eros e Psique. Na época pré-socrática Eros era filho do Caos, vazio original do universo, e detinha a força ordenadora e unificadora dos elementos, pedra de toque para a criação do Cosmos.

2 Reproduzido em TEIXEIRA, 1993, p.227.

3 Reproduzido em TEIXEIRA, 1993, p.227 e VIEIRA, 2001, p. 168.

Hesíodo⁴ descreveu-o como jovem dotado de uma beleza inigualável, considerando-o deus do Amor e do desejo. Em teogonias posteriores, já na era pós-socrática, a filiação de Eros foi controversa e variável entre Afrodite e Zeus, Ares ou Hermes, ou ainda Poro (Expediente) e Pénia (Pobreza). Esta última, defendida por Platão⁵, explicava a natureza inconstante e insatisfeita do Amor; em permanente busca de realização, e retirava a Eros o estatuto de deus maior, concebendo-o como génio mediador entre deuses e Homens.

O escritor latino Lúcio Apuleio⁶ relacionou Eros grego com o Cupido romano⁷ e ligou este deus a Psique, uma virgem mortal de exímia beleza que os homens passaram a adorar em detrimento de Vénus, mãe de Cupido.⁸ Esta, por vingança, pediu ao filho que fizesse a donzela apaixonar-se pelo homem mais feio, pobre e indigno. Todavia, Cupido enamorou-se da bela jovem e, sob a forma de voz incorpórea, ocultando a identidade e o aspecto, tomou-a em segredo e fê-la jurar que jamais tentaria descobrir o aspecto do ente amado. Mas curiosa por natureza e ainda incitada pelas irmãs, Psique não resistiu à tentação e, numa noite, aproximou uma lamparina do rosto do marido que dormia a seu lado. Quando descobria tratar-se de Cupido, teve, contudo, o infortúnio de deixar cair sobre ele uma gota de azeite quente, acordando-o. Sentindo-se traído, o deus fugiu. Psique, assim relacionada com a Alma inquieta e ávida de descoberta, foi abandonada pelo Amor e punida por Vénus, revoltada com o desaparecimento do filho. Num dos castigos, Psique teve de descer ao infernal Hades e de lá trazer para a deusa uma boceta fechada com um pouco da formosura de Prosérpina. Contudo, incauta e vaidosa, Psique não resistiu à tentação de abrir o recipiente e aspergir-se mas logo descobriu o logro quando inalou um aroma soporífero que a induziu em sono profundo. Arrependido pela fuga e tomado pela saudade, Cupido conseguiu acordá-la usando o poder do Amor⁹. Com a permissão de Zeus e a reconciliação de Vénus, Psique foi tornada imortal e uniu-se a Eros.

4 Hes, *Theog.*, ref. por GRIMAL, 1992, p. 148.

5 Plat., *Smp.*, *passim*, ref. por GRIMAL, 1992, p. 148.

6 Lucius Apuleius nasceu em Madaura, actual Argélia, c.125 e faleceu em Cartago, c.180.

7 Na Mitologia Romana o deus grego Eros correspondia a Cupido.

8 APULEIO, 1990, pp. 81-119.

9 Tradições diversas defendem que Eros terá acordado Psique com um beijo ou com uma flecha, embora a primeira versão tenha colhido mais frutos no meio poético e artístico – cfr: GRIMAL, 1992, p. 400.

Desde a Antiguidade greco-romana¹⁰ a representação desta lenda foi bastante comum na escultura, na pintura e no mosaico¹¹. Em termos figurativos, Eros foi amiúde adornado com asas e Psique cristalizada no sono ou acordada pelo seu beijo.¹²

No primeiro estudo, Almada Negreiros representou com fidelidade o momento em que Psique descobriu, à luz da lucerna, o rosto de Eros adormecido. Por seu turno, no segundo estudo e na obra definitiva parece estar ilustrado o instante em que Eros encontrou Psique adormecida pela água da Fonte da Juventude. No entanto, aqui verifica-se uma insólita permuta de atributos entre as duas figuras, sendo que Psique apresenta as asas de pássaro iconograficamente atribuídas a Eros e este está desprovido delas mas segura a lucerna de Psique. A atitude de contemplação protagonizada por Eros, ao invés de beijar ou alvejar a amada com uma seta para acordá-la, também é invulgar.

Como de pronto não se encontrou explicação para estas alterações iconográficas, alguns autores¹³ pensaram tratar-se de uma ilustração do tema *A Queda de Ícaro*. Consideraram que Psique seria Ícaro caído, jovem e algo andrógino, com as asas que o permitiram sair do labirinto do Minotauro e, por seu turno, tomaram Eros por Dédalo, certificando-se da morte do filho. Contudo, o tema de Eros e Psique parece-nos, sem margem para dúvida, o correcto, ainda que marcado pela não convencional partilha de atributos que aparenta uma inversão dos papéis das personagens na primeira parte da lenda (ou seja Eros descobrindo o rosto de Psique à luz da lamparina, ao contrário da lenda).

A invulgar representação escolhida para a versão definitiva do projecto tem, no entanto, um precedente literário no poema *Eros e Psique*, de Fernando Pessoa¹⁴, amigo de Almada e seu companheiro da geração modernista:

10 Eros foi identificado com Cupido na Mitologia Romana Antiga.

11 A título de exemplo, no mosaico peninsular destacam-se os dois mosaicos cordobenses com o abraço entre Eros e Psique, ainda crianças, ambos de finais do séc. III e inícios do séc. IV d.C., respectivamente no Alcázar de lo Reyes Cristianos e na Caja de Ahorros.

12 Exemplo da escultura de António Canova, 1793 (*Psique reanimada pelo beijo de Amor*, no Museu do Louvre).

13 A obra foi a leilão no ano de 2001, com o n.º 547 e o título *A queda de Ícaro* – Cfr: *Colecção Canto da Maya*, Catálogo de Exposição e Leilão de Pintura e Escultura Portuguesa, Palácio do Correio Velho, Lisboa, 2000, p.10.

14 PESSOA, 1934, p.13. A citação em jeito de prólogo ao poema é tradução do poeta a partir da obra referida.

*«... E assim vêdes, meu Irmão, que as
verdades que Vos foram dadas no Grau
de Neófito, e aquelas que vos foram
dadas no Grau de Adepto Menor, são,
ainda que opostas, a mesma Verdade.*

*Do Ritual do Grau de Mestre
do Átrio na Ordem Templária
de Portugal.»*

EROS E PSIQUE

«Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,
Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.»

O final do poema contém a mesma metáfora de projecção reflexiva pró-unificadora observada na pintura: o reconhecimento do Infante na própria Princesa encantada é equivalente à revisão de Eros em Psique por meio dos atributos partilhados. Esta espécie de comunhão está relacionada com a interpretação hermética das personagens e do tema enquanto metáfora do conhecimento, na medida em que Eros é, no momento arcaico, o agente ordenador e unificador dos elementos dispersos do caos e ao mesmo tempo a figura do Amor que une os opostos. Manipulador da *prima materia*, por excelência, Eros foi considerado pelos herméticos como a figura do guia iniciático por excelência nos processos da gnose unitária.¹⁵ Estes passavam pela morte (o sono referido no poema de Pessoa e figurado no vitral de Almada) e pela ressurreição (representada pela hera no mesmo poema e pelas asas de Psique no mesmo vitral) simbólicas que permitiam a regeneração psíquica e espiritual necessária ao neófito para alcançar formas de conhecimento superior. Para os esotéricos, Eros é o Eleutério, ou libertador, da condição inferior (designada por obscura e falsa no poema) e o facilitador da chegada ao Éden de Luz pelo percurso da via divina. Ele é, por conseguinte, o activador do processo criativo da mente, inspirando e abrindo o canal da intuição para um entendimento mais elevado e abstracto das partes que formam o Cosmos. Por seu turno, Psique (*Psyche* em latim, *Psykhē* em grego) protagoniza a Alma e o Espírito inicialmente mergulhados no sono obscuro que simboliza o desconhecimento e depois acordados pela iniciação nos Mistérios.

À luz do esoterismo gnóstico, o vitral de Almada Negreiros revela uma dimensão unificada dos pormenores que o compõem, deixando perceber que todos eles se revestem de particular simbolismo orgânico: a matéria vítrea permite a entrada da Luz gnóstica (Fogo Subtil) no espaço onde o vitral foi colocado; o chumbo¹⁶, metal saturnino que se acreditava poder ser transformado em ouro pelos alquimistas, une e ao mesmo tempo fracciona o vidro em 5 partes maio-

15 Algumas estelas funerárias gregas dos séculos IV e III a.C. apresentam Eros encaminhando Psique, pela mão, talvez assumindo-se como guia iniciático desta nos Mistérios. Estes Mistérios poderiam ser os celebrados em Elêusis, cidade agrícola próxima de Atenas, e compreendiam ritos iniciáticos integrados no culto da fertilidade da terra, associado às deusas Deméter (das colheitas) e sua filha Perséfone (sequestrada por Hades, deus do Mundo Inferior). O rapto de Perséfone induzira Deméter em profunda tristeza, descurando as lides da agricultura e dando origem ao Inverno, tempo de carestia. Mas Hades permitiu que a filha visitasse a mãe durante alguns meses e nesse período a deusa esmerava os seus trabalhos, permitindo a abundância no Verão.

16 Para um significado do metal Chumbo no esoterismo, vide CHEVALIER e GHEERBRANT, s.d., p. 192.

res e verticais, simulando as grades de uma janela esotérica¹⁷; a lucerna foi adjudicada a Eros gnóstico como fonte simbólica da Luz do conhecimento; a figura de Eros tem a coloração amarelo-ouro do Corpo de Luz e da fase citrina; a sua atitude vigilante e até orientadora em relação a Psique transforma-o no guia iniciático desta; o sono de Psique é uma metáfora para o engano operado pelos sentidos¹⁸ e uma alusão à morte iniciática para superar o engano e alcançar a verdade; a serenidade do seu rosto, desmentida pela tensão da sua mão direita, demonstra que a dúvida impede o profundo descanso; as asas de Psique funcionam como símbolo da desmaterialização, da saída do corpo sensorial e enganador; e do alcance do conhecimento¹⁹.

Almada conviveu com alguns esotéricos do círculo de *Orpheu* e mais tarde da *Presença*²⁰ e também procurou a chave do conhecimento que veio a encontrar na Aritmética pitagórica²¹ quando aprofundava o estudo sobre a cultura da Antiga Grécia. Com base no princípio do Número Perfeito (o *theleon*, de Pitágoras referido por Vitrúvio) teorizou sobre o cânone geométrico na Arte, encontrou a relação 9/10 e desenvolveu uma «metafísica imanencial»²². Mas o hermetismo simbólico evidente no vitral *Eros e Psique* tem contornos singulares na Obra deste artista²³ e as circunstâncias em que se desenvolveu levam a crer

17 Para um significado da janela no esoterismo, vide CHEVALIER e GHEERBRANT, s.d., p. 382.

18 Para os herméticos «o significado real da iniciação é, para este mundo em que vivemos um símbolo e uma sombra, que esta vida que conhecemos pelos sentidos é uma morte e um sono, ou, por outras palavras, que o que vemos é uma ilusão.» - in PESSOA, Esp., 54, A-55.

19 Cfr. CHEVALIER e GHEERBRANT, s.d., pp. 92 e 93. O facto de serem asas de ave e não de borboleta, como acontecia na tradição greco-romana, pode estar relacionado com uma aproximação à iconografia do Espírito Santo.

20 De Fernando Pessoa pintou um primeiro retrato no mesmo ano em que terá realizado este vitral.

21 Nos Anos 40, Almada ambicionou «a transplantação da Grécia Antiga no nosso Portugal» e proferiu um discurso no Salão do jornal Diário de Notícias, onde mostrou «Portugal na Europa com os olhos de Homero». Sobre o evento, o jornalista Norberto de Araújo escreveu que se assistira a uma «noite de sonho colectivo» e considerou a intervenção como «o mito interpretado pelo mito» - vide VIEIRA, 2001, p. 172 e FRANÇA, 1985, p. 492.

22 José-Augusto FRANÇA fala de «metafísica imanencial» em Almada Negreiros, com base na ideia da Geometria enquanto «primeira posição do conhecimento, ou seja, a mais próxima do recebimento da imanência» - vide FRANÇA, 1985, p. 495 - *apud* Almada, in *Diário de Notícias*, 16-06-1960, entrevistado por António Waldemar.

23 Este hermetismo simbólico não parece ter tido qualquer repercussão nos painéis de azulejos figurados com arlequins ou sequer no de motivos geométricos que o artista executou para a mesma casa no Restelo. Este último é paradigmático da fase em que Almada estudou a Geometria e o Número, não devendo, por isso, ser entendido noutros contextos especulativos. Só a decoração que envolve a porta principal da residência indica também ter estado sujeita a conceitos herméticos.

ter havido alguma intervenção externa. Com efeito, o primeiro esboço parece confirmar que Almada se propunha tratar Eros e Psique de acordo com a iconografia clássica de origem grega e a mudança no segundo estudo faz pensar numa encomenda temática de características muito específicas, talvez não cabalmente apreendidas logo no início mas depois reajustadas a gosto de outrem. Infelizmente não se encontrou qualquer registo escrito que documentasse a encomenda e pudesse esclarecer as dúvidas levantadas. Mas a incessante investigação levou-nos ao encontro de memórias vivas²⁴ que testemunharam a amizade entre o artista e os proprietários da residência para onde o vitral foi concebido. Esta relação tão próxima parece ter sido suficiente para escusar a formalidade e firmar o contrato na combinação discursiva.

A dependência da casa²⁵ onde a obra foi integrada (e para a qual foi, afinal, pensada) era o estúdio privado de José Manuel da Mota Gomes Ferrão (1928-1993) – ou simplesmente José Manuel, como preferia assinar –, malgrado poeta, pintor, compositor e dramaturgo, fundador da revista *Eros*²⁶ e profundo admirador da obra de Fernando Pessoa. Este *atelier*²⁷ era um *nigredo* com paredes cor de ébano, raiadas de branco *albedo* por estrelas de cinco pontas²⁸, e animado apenas pela luz colorida do vitral colocado numa janela sobre a estante livreira voltada a Poente. Senhor de uma personalidade complexa e de trato peculiar condenou a sua obra manuscrita e pictórica ao silêncio do Fogo, num desejo cumprido *post mortem*. Escaparam à *damnatio* as obras publicadas, de entre as quais se destaca a paradigmática *Alquimia do Sonho*²⁹ que permite

24 Referimo-nos à Dr.^a Madalena Guitart Ferrão, à Sr.^a D.^a Cecília Guitart Ferrão e à Dr.^a Maria Augusta Barbosa.

25 A decoração desta moradia, entretanto vendida e hoje desabitada, em estado de lamentável degradação, conta também com vários painéis de azulejos de Almada Negreiros, uma tapeçaria de parede concebida por Sara Afonso e uma pintura de paisagem, da autoria de Henrique Viana, entre outras obras de diversos artistas do Modernismo português.

26 Revista de ensaio e poesia, publicada entre 1951 e 1958, fundada em colaboração com Fernando Guimarães, António José Maldonado e Jorge Nemésio. O título do periódico parece reforçar a certeza do tema tratado.

27 Infelizmente não nos foi concedida autorização para fotografar qualquer dependência da casa, talvez devido ao seu estado de degradação. Porém, a permissão para visitar o interior permitiu confirmar que se mantém a divisão dos espaços e a pintura das paredes a branco sobre negro na zona privada de José Manuel.

28 Estas estrelas de 5 pontas foram deixadas em aberto e repetem os motivos da entrada principal e do painel geométrico de azulejos na frontaria.

29 José Manuel (FERRÃO), *Alquimia do Sonho*, Tipografia Ideal, Lisboa, 1952.

não apenas comprovar a já adivinhada relação deste encomendante com o esoterismo, mas também entender a evolução conceptual do vitral de Almada, desde a plasmação rigorosa da lenda no primeiro estudo, até à posterior reorganização dos símbolos e a consequente viragem de significados no estudo definitivo.

O vitral Eros e Psique, de Almada Negreiros, foi visualmente construído com o vocabulário imagético da lenda de Apuleio mas semanticamente organizado de acordo com o sentido hermético da sua interpretação para resultar numa alegoria ao ritual dos Mistérios iniciáticos. A iconografia clássica surge, por conseguinte, alterada pelo simbolismo ocultista, parecendo invertida ou encriptada e gerando alguma polémica em torno da sua leitura. A pseudo-mutação contida nesta obra não é, afinal, mais do que a teoria hermética materializada em imagem por processo de alquimia mística, e o seu sentido último fica clarificado com a leitura da derradeira parte do poema de Fernando Pessoa que consubstancia a ideia de união final e faz um retorno à figura do Eros pré-socrático. Poeta esotérico com predilecção pelos sentidos obscuros e relacionado com a fina-flor da cultura futurista, José Manuel Ferrão deixou a sua marca indelével nesta obra de Almada. Essa característica influência de encomendante veio-lhe da mãe, D.^a Maria da Piedade, que havia já determinado fortemente as linhas mestras do projecto de António Varela para a moradia no Restelo. É muito possível que também aí o próprio José Manuel tivesse intervindo, solicitando que fosse criada uma zona para seu uso privado, autónoma e quase independente, em jeito de casa dentro da própria casa, com quarto, casa-de-banho, estúdio e pequena “cozinha”...

Agradecimentos

À Dr.^a Maria Madalena Guitart Ferrão, filha do poeta José Manuel Ferrão, e à Sr.^a D.^a Cecília Guitart Ferrão, viúva, pela partilha de vivências e empatia; À Dr.^a Maria Augusta Barbosa, amiga da família Ferrão, pela disponibilidade e preciosas informações.

À Sr.^a D.^a Maria Almeida, secretária do actual proprietário da vivenda no Restelo, Sr. Carlos Lopes, pela cedência de algumas imagens do exterior arquitectónico.

Ao Carlos Martins, pela companhia.



Fachada principal da residência projectada por António Varela na Rua de Alcolena, N.º 28, Bairro do Restelo



Panorâmica do ângulo nordeste da residência, voltado para a Capela do Restelo



Entrada principal, na fachada lateral esquerda, voltada a Poente



Panorâmica da fachada lateral esquerda, com a entrada principal, a escada de acesso ao primeiro piso (zona privada de José Manuel) e janela onde se encontrava o vitral (janela rectangular mais estreita)

Bibliografia

- AA.VV. (coord. José de Monterroso TEIXEIRA) – *Almada, a cena do corpo*, catálogo de exposição de 27 de Outubro de 1993 a 15 de Janeiro de 1994, Fundação das Descobertas, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1993.
- AA.VV. – *Leilão de Pintura e Escultura Portuguesa / Colecção Canto da Maya*, Palácio do Correio Velho, Lisboa, 2000.
- ANES, José Manuel – *Re-criações herméticas. Ensaio diversos sob o signo de Hermes*, Hugin Editores, Biblioteca Hermética, N.º 1, 2ª ed., Lisboa, 1997.
- APULEIO, Lúcio – *O Asno de Ouro*, Publicações Europa-América, col. Clássicos, Mem Martins, 1990 (tradução do latim por Francisco António de Campos – *Asinus Aureus - Metamorphoseon Libri XI*).
- CAMPBELL, Eileen e BRENNAN, J.H. – *Dicionário da Mente, Corpo e Espírito*, Planeta Editora, Lisboa, 2000 (tradução do inglês por Manuel Ricardo Ferreira – *Dictionary of Mind, Body and Spirit*, Thorsons, 2ª ed., s.l., 1994.)
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Editorial Teorema, Lisboa, s. d. (tradução do francês por Cristina Rodriguez e Artur Guerra – *Dictionnaire des Symboles – Mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*, Éditions Robert Laffont S.A. et Éditions Jupiter, Paris, 1982.)
- FRANÇA, José-Augusto – *Almada Negreiros. O Português sem Mestre*, Estúdios Côr, Lisboa, 1974.
- FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)*, Bertrand Editora, Lisboa, 1985.
- GRIMAL, Pierre – *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Difel, Lisboa, 1992 (tradução do francês de *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*, Presses Universitaires de France, Paris, 1951).
- JOSÉ MANUEL (FERRÃO) – *Alquimia do Sonho – romance poemático*, Tipografia Ideal, Lisboa, 1952.
- PESSOA, Fernando – «Eros e Psique», in *Presença*, N.º 41-42, Mai. 1934, Coimbra, p.13.
- PESSOA, Fernando – Espólio, documento 54, A-55.
- RIFFARD, Pierre – *Dicionário do Esoterismo*, Editorial Teorema, Lisboa, 1994 (tradução do francês por Maria João Freire – *Dictionnaire de l'esotérisme*, Éditions Payot & Rivages, 2ª ed., s.l., 1993).
- VIEIRA, Joaquim (dir.) – *Fotobiografias Século XX – Almada Negreiros*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2001.